


**UNESP**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Campus de Araraquara - SP**

**THE GREAT GATSBY: O DESPERTAR DE UM SONHO INCONCEBÍVEL**



**AMANDA CRISTINA DA SILVA**

**MCC – MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DO CURSO**  
**ARARAQUARA – SP**  
**2017**

AMANDA CRISTINA DA SILVA

**THE GREAT GATSBY: O DESPERTAR DE UM SONHO INCONCEBÍVEL**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de bacharel em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos

ARARAQUARA – SP

2017

AMANDA CRISTINA DA SILVA

## THE GREAT GATSBY: O DESPERTAR DE UM SONHO INCONCEBÍVEL

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao Conselho de Curso de Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de bacharel em Letras.

**Orientador:** Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos.

Data da defesa: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

### MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

---

**Presidente e Orientador:** Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos  
FCL/ UNESP Araraquara

---

**Membro titular:** Prof. Dr. Aparecido Donizete Rossi  
FCL/ UNESP Araraquara

---

**Membro titular:** Prof. Dr. Maria Clara Bonetti Paro  
FCL/ UNESP Araraquara

---

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus Araraquara.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus, por ter me proporcionado essa oportunidade de ingressar numa grande universidade pública, que é a UNESP de Araraquara, num curso que eu almejava desde a adolescência. Na FCL/Ar, foi possibilitado o desenvolvimento de inúmeros conhecimentos cruciais para o meu crescimento, conseqüentemente, por fazer com que eu entrasse em contato com pessoas que fizeram diferença em minha vida.

Aos meus pais, que me deram todo o suporte necessário durante os anos de graduação, por acreditarem no meu potencial, por terem auxiliado na construção da minha educação e do meu ser.

Aos meus amigos, que me deram força para chegar até aqui, me mostrando a alegria mesmo nos tempos difíceis, solucionando até o que eu achava que não havia solução, obrigada por todas as conversas, conselhos e sorrisos, especialmente aos meus colegas de turma, que caminharam lado a lado comigo, mesmo com todas as diferenças entre cada indivíduo, eles deram um novo sentido ao que se entende por “grupo” e um novo significado à palavra “família”.

Aos meus professores, pois, através deles descobri que pouco se ensina, mas muito se aprende; agradeço pelas sábias palavras, pelas transmissões de conhecimento, especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Alcides Cardoso dos Santos, que por meio de todas as suas aulas e nossas reuniões ter me inspirado e me ajudado a lidar com um precioso instrumento, a literatura.

*“A literatura antecipa sempre a vida.  
Não a copia, molda-a aos seus  
desígnios.”  
(Oscar Wilde)*

## RESUMO

O presente trabalho visa abordar o principal romance de F. Scott Fitzgerald, “O grande Gatsby” numa perspectiva sócio histórica, ou seja, colocando o romance como retrato de uma época, os anos 20 durante a era do Jazz, anos áureos estadunidenses. Diante disso, a monografia tem o objetivo de desenvolver através do narrador, dos personagens e das temáticas abordadas pelo romance, como a corrupção, a traição, o hedonismo e a materialidade, o ideal mítico conhecido como sonho americano.

**Palavras chave:** F. Scott Fitzgerald; O grande Gatsby; Era do Jazz; Sonho americano.

## **ABSTRACT**

The present work is an analysis of F. Scott Fitzgerald's masterpiece, "The great Gatsby", in a socio historical perspective, in other words, to show the novel as a portrait of a time, the 20's, the Jazz Age, USA golden age. Faced with this, the monograph has the objective of analyzing the narrator, the characters and the themes employed in the novel, such as corruption, betrayal, hedonism and the materiality a mythic concept known as The American Dream.

**Key words:** F. Scott Fitzgerald; The Great Gatsby; Jazz Age; The American Dream.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. FITZGERALD: O PORTA-VOZ DE UMA GERAÇÃO E SUA PRINCIPAL OBRA.....</b>	<b>11</b>
1.1 F. Scott Fitzgerald: vida, obras e pertencimento ao Jazz Age.....	11
1.2 <i>The Great Gatsby</i> : O romance.....	16
1.3 Símbolos recorrentes na narrativa.....	19
<b>2. O “GRANDE” SONHO AMERICANO.....</b>	<b>22</b>
2.1 O sonho americano.....	22
2.2 Nick Carraway, o narrador denuncia o Sonho americano.....	23
2.3 Gatsby e o Sonho americano.....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>



## INTRODUÇÃO

Quando pensamos em F. Scott Fitzgerald somos logo arrematados para os anos dourados, em que festas, luxo e poder eram esbanjados. O Jazz estava em ascensão e era a música que introduzia a trilha sonora do momento; as mulheres vestidas como melindrosas, os homens com suas melhores vestimentas, os locais ostentavam riquezas, tudo isso como consequência de um liberalismo econômico vivido por essa geração situada entre guerras.

Esse período foi retratado pelo autor que ficou conhecido como porta-voz de uma era, pois, ele demonstrava como eram construídas as relações sociais desse período, expondo o materialismo exagerado e fazendo a denuncia de uma sociedade pautada pelas aparências.

O romance colocado em questão por esse presente trabalho é conhecido como a grande obra de F. Scott Fitzgerald, seu terceiro romance chamado “The Great Gatsby”. Nesse romance temos conflitos marcantes sofridos pelas personagens devido às suas complexas relações tendo como pano de fundo a era do Jazz, assim como uma amarga crítica a essa sociedade de base materialista e ao *ethos* da nação estadunidense, chamado Sonho americano.

O personagem principal, Gatsby, um magnata da alta sociedade, após alcançar tudo o que deseja, tal como fortuna e prestígio social, parece acreditar que pode conseguir qualquer coisa que ambicione e se propõe a recuperar um amor do passado. Porém falha, ao ser assassinado por engano, sem conseguir, portanto, realizar sua ambição desmedida, sendo abandonado ao final por tudo e todos que antes o adulavam - com exceção de Nick Carraway, o narrador dessa história-, demonstrando que esse sonho é falho e irreal.

O romance é narrado em primeira pessoa, por um narrador que também exerce a função de personagem; ele é de extrema importância nessa narrativa, pois, por meio de seu relato nós conhecemos os personagens e percebemos uma crítica fundada nas entrelinhas dessa história.

A sensação de denuncia ao Sonho americano aparece no romance em questão devido a esse narrador, que explora os dois lados daquele período social;

um dos lados é glamoroso, cheio de festas, dinheiro e exageros, e o outro é tomado de corrupção, infelicidade e traições.

É através dessa narração que podemos enxergar o viés crítico vindo do autor desse romance que elucida o leitor expondo o sentimento de uma nação perante a falha desse ideal liberal conhecido como “Sonho americano” que não se faz concebível.

Nessa monografia, utilizaremos uma forma de abordagem que privilegia o contexto histórico-social e político para entendermos os sentimentos mistos do narrador em relação ao protagonista, que tanto admira seu empreendedorismo quanto crítica à corrupção enraizada na própria origem deste sonho.

## **1. FITZGERALD: O PORTA-VOZ DE UMA GERAÇÃO E SUA PRINCIPAL OBRA**

### **1.1 F. Scott. Fitzgerald: Vida, obras e pertencimento ao Jazz Age**

Francis Scott Key Fitzgerald nasceu no dia 24 de setembro de 1896 em Saint Paul, Minnesota. Diante disso, nosso jovem escritor tem uma criação dentro de uma cidade provinciana, na qual ele viveu durante muitos anos, consolidando sua formação como pessoa. Fitzgerald sempre manteve seu olhar particular interiorano, de província, em que fora refletida às suas percepções, como o modo que via as pessoas e o mundo, esse discernimento se espelha inclusive em sua escrita.

Ele foi filho de um pai Americano e uma mãe Irlandesa que proporcionaram boas condições para que ele tivesse a melhor educação possível, dessa forma, seus pais o matriculam em renomados colégios, porém, Fitzgerald não dava prioridade aos seus estudos.

Entretanto, durante sua juventude, Francis decide ingressar na universidade de Princeton em Nova Jersey, sendo essa uma faculdade de prestígio e renome estadunidense, porém ele acaba falhando por obter mau desempenho nas disciplinas cursadas e, como consequência, desiste de finalizá-la.

Dentro da universidade, o rapaz da província tem de lidar com situações e experiências que nem sempre terminam em êxito e, diante disso, a noção do fracasso em se graduar dá a Fitzgerald grandes temáticas que são desenvolvidas em praticamente todas as suas obras, sendo elas: o sucesso advindo de uma grande derrota ou a ruína golpeando duramente após o triunfo.

Fascinado com a sociedade Americana, ele se alista no exército para trabalhar voluntariamente na Primeira Guerra Mundial em defesa de seu país, recebendo o cargo de tenente. Passado o período da Primeira Guerra, Francis retorna a Saint Paul e começa a trabalhar em uma agência de publicidade, redigindo

propagandas, deixando em seguida o emprego para se dedicar à literatura, começando, então, a escrever o seu primeiro romance.

*This side of Paradise*, seu primeiro livro, foi prontamente aceito pela editora *Scribner's*; após o lançamento, Fitzgerald sentiu o gosto do sucesso; triunfo esse que chegou precocemente e de forma rápida, fazendo com que ele tenha tudo o que seu eu romântico e provinciano desejava: fama, dinheiro, reconhecimento e a jovem amada.

Com o sucesso de sua primeira obra, Fitzgerald casa-se com Zelda Sayre, uma dama da alta sociedade que ele conheceu após se alistar no exército estadunidense. O casal viaja pela Europa durante alguns meses até voltarem aos Estados Unidos; logo que retornam eles compram uma casa e resolvem aumentar a família e, alguns meses depois, nasce sua única filha, *Scottie*.

Em 1922, Fitzgerald lança não só o seu segundo romance, *The beautiful and the damned*, como também um livro de contos, *Tales of The Jazz Age*. Após isso, com o objetivo de obter novas inspirações para suas obras ele se muda para Nova Iorque. Nesse novo ambiente ele se deslumbra com a riqueza e poder que encontra na cidade, deslumbramento esse que é significativo para a construção de seus personagens e que contribuiu para que o autor desenvolvesse um estilo próprio na sua escrita, usando recursos tais como transformar o banal e transitório em algo novo e interessante.

Ainda tentando se reinventar, Francis escreve sua primeira peça de teatro, *The Vegetable*, que entra em cartaz em *Atlantic City*, não tendo o mesmo sucesso dos romances e se tornando um fracasso de público e crítica. Diante desse insucesso, Fitzgerald volta a escrever romances, surgindo então sua obra prima, *The Great Gatsby*, lançada em 10 de abril de 1925, uma história que mostra o mundo leve e alegre da classe média e alta justaposto a um mundo de vícios, pobreza e tédio.

Durante o ano de 1926, Fitzgerald não publica nenhum trabalho novo, se dedicando à sua vida social, indo a muitas festas e conhecendo Ernest Hemingway. Após este período se muda para Paris, isolando-se da sociedade norte americana e se auto exilando do materialismo e da superficialidade da sociedade norte-americana, que ele descreveu em seus romances.

Porém ao conseguir um primeiro contrato em Hollywood para escrever roteiros de filmes volta aos Estados Unidos e mesmo com sucesso e reconhecimento, pouco tempo após o retorno, sua esposa Zelda tem uma grande crise e é internada, abalando o casamento e levando Fitzgerald a um período de uso excessivo do álcool. Entretanto, apesar da crise conjugal e da bebida, Fitzgerald ainda consegue lançar outro romance, *Tender is the night*.

Zelda passa por diversos sanatórios e é diagnosticada com esquizofrenia e transtorno bipolar, enquanto Francis é diagnosticado com tuberculose, o que, entretanto, não o dissuade de continuar trabalhando em seu último romance, *The last tycoon*. A partir daqui, temos um período de ruínas na vida de Fitzgerald, pois doente e alcoólatra, ele não consegue terminar seu romance e morre de parada cardíaca aos 44 anos. Sua esposa, Zelda, morre sete anos depois em um incêndio no sanatório em que estava internada. Todos os fatos biográficos de F. Scott Fitzgerald retratados nesse trabalho foram levantados por Kenneth Eble (1963).<sup>1</sup>

Fitzgerald deixa uma grande contribuição à literatura norte americana; seus contos, romances e peças de teatro se caracterizam pelo estilo e visão originais do autor, que são exemplificadas através de seus personagens, suas cenas descritas com esmero e frases que se encaixam no cotidiano do leitor, comprovando assim, a eficácia e atemporalidade da escrita de Fitzgerald.

Muitos anos se passaram após a publicação de seus escritos e seus romances fizeram muito mais sucesso após a sua morte, que provocou um aumento no interesse pelos temas abordados em suas obras e fazendo de *The Great Gatsby* um cânone, leitura fundamental e obrigatória na maioria das escolas norte-americanas.

O autor ficou conhecido como porta-voz de uma geração por mostrar como a década de 20 era; ele escreveu para demarcar uma época e acabou se popularizando por isso. Durante esse período, houve um crescimento econômico acentuado, após o país se associar com outras nações ao longo da Primeira Guerra Mundial e, dessa forma, se beneficiar com os laços criados, pois foi o país que mais lucrou com esta guerra, aumentando sua produção, importação e exportação.

---

<sup>1</sup> Vide cronologia em anexo.

A nação passava por uma época centrada no enriquecimento, na criação de novas tecnologias, no aumento dos empregos, dos salários e conseqüentemente da economia capitalista em pleno vigor. O país torna-se então uma grande potência, sendo responsável por uma fatia crescente da produção mundial de bens de consumo, constituindo-se como um símbolo de progresso.

Como resultado deste desenvolvimento e enriquecimento, a sociedade criou uma nova maneira de viver, esbanjando luxo e bens materiais, criando um “*American way of life*”, um estilo de vida de alto padrão que sintetiza os princípios da vida nacional, embasados na liberdade e na procura da felicidade, conceitos fortemente ligados ao Sonho Americano.

Culturalmente houve uma grande expansão no cinema e no rádio popularizando novos ritmos musicais como o Jazz. Essa célebre efervescência da música serviu para Fitzgerald relatar as inúmeras festas que o próprio autor e conseqüentemente seus personagens frequentavam que continham orquestras, bebidas, mulheres e diversão.

Esse período ficou conhecido então como a era do Jazz (*Jazz age*) ou também chamado de “anos dourados” (*Golden age*), pois “em 1913, os EUA já se haviam tornado a maior economia do mundo” (Hobsbawm, 1997, p.82), conseqüência do “longo século XIX, que [...] foi, um período de progresso material, intelectual e moral quase ininterrupto [...] de melhoria nas condições de vida civilizada” (Hobsbawm, 1997, p. 19).

Diante dos fatos apresentados, somos remetidos ao que Mark Twain, um dos grandes nomes da literatura norte americana, intitularia de *Gilded Age* a era que antecede a dos anos 20, porém que permearia durante essa década, logo, ao invés de “anos dourados” teríamos então anos “banhados a ouro”, assim, essa expressão explica o que seria uma sociedade feita de aparências por meio do materialismo evidente da época.

Esse ideal foi mantido durante o período entre a primeira guerra mundial até 1929, quando houve um ápice no desenvolvimento do país seguido por um período em que essa economia e modo de vida norte americana começaram a ruir, culminando no desastre econômico em que a bolsa de valores (*Wall Street*)

quebrou, colocando o país em depressão e gerando uma quantidade enorme de desempregados e uma miséria da população jamais vista.

Os “*Roaring Twenties*” foram bem representados por Fitzgerald, pois além de todos os seus romances conterem aspectos relacionados a esse período, como luxo, festas, efervescência cultural, “Fitzgerald used Jazz in a general sense, as a metaphor for the spirit of twenties.” (TATE, 2007, p.328); ele lançou também várias coletâneas de contos fundamentados na era do Jazz, como “*Flappers and Philosophers*” e “*Tales of the Jazz age*”.

Desse modo: “Fitzgerald no intenta ser un experto en música. Para él y para la juventud de la que se convierte en portavoz, el jazz es una forma de expresión, un símbolo de liberación, una diversión” (LLORIS, 2010, p.74). O autor não se utiliza da música em si, em suas obras, porém o clima e o que a música provocava nas festas relatadas em suas histórias eram utilizadas, assim, ele ficou conhecido como portavoz por ter divulgado essa cultura em alta, na época, e por demonstrar o caráter libertador que as festas e esse tipo de música inspiram.

Além de retratar um período, Fitzgerald colocava muito de si mesmo e de sua vida nos romances, levando em consideração que ele era um magnata, de alta sociedade que participava das grandes festas da época. O autor, assim como os personagens centrais de seus romances participam desse universo, porém ele coloca um olhar crítico sobre o que estão vivendo, fazendo assim retrato e análise.

Assim, em seu primeiro romance, “*This side of Paradise*”, foi feita uma autobiografia com elementos de ficção, contando a história de um aspirante a escritor, Amory Blaine, que teve sua carreira interrompida para se alistar e lutar na Primeira Guerra mundial, assemelhando-se a vida do autor; esse princípio coloca Fitzgerald como integrante da geração perdida (“*Lost Generation*”) que são vários autores que se alistaram na guerra e viveram durante os *roaring twenties* e a grande depressão.

Os literatos dessa geração perdida, durante um tempo, migraram para a Europa, mais precisamente em Paris, cidade essa que se tornou central para o desenvolvimento da literatura. Houve então uma fuga desses autores para Paris, o que fez com que o sentimento de não pertencimento dos escritores fosse refletido

em seus personagens centrais, como acontece com o narrador-personagem, *Nick Carraway* em *The Great Gatsby*.

## 1.2 *The Great Gatsby*: o romance

O *grande Gatsby* foi o terceiro romance escrito por F. Scott Fitzgerald, publicado em 10 de abril de 1925, época essa, dos anos prósperos nos Estados Unidos. O autor relata esse período por meio do luxo e do materialismo embebido pelos personagens de seu romance. A história trata de um grande conflito entre personagens da elite; através disso, são abordados diversos temas como casamentos infelizes, traições, disputa por poder aquisitivo, tráfico de bebidas fazendo assim retrato e crítica de uma era e de uma sociedade.

A história começa sendo contada por seu narrador, que também é um dos personagens, Nick Carraway, que se mostra como um homem, calmo e contido. Ele nos conta sobre sua família, sua vida e carreira até chegarmos à sua nova casa, em *Long Island*, que é descrita como simples e pequena porém rodeada de mansões, como a de seu misterioso vizinho.

Do outro lado da Baía em que se situa a nova casa temos a moradia de sua prima, Daisy Buchanan, e uma parte da elite econômica da época retratada no romance pelos personagens Tom Buchanan e Jordan Baker. Com o decorrer da história descobrimos que Tom, marido de Daisy está tendo um caso com outra mulher, Myrtle Wilson; esses personagens estão situados em outro cenário, contrastante ao luxo de Nova Iorque, chamado por Fitzgerald de vale das cinzas.

Num flashback, o narrador relata como conheceu a amante de Tom, numa parada no vale das cinzas que fizeram em uma viagem de trem a Nova Iorque e Tom o apresentou à sua namorada, que se encontrava na oficina de George Wilson. Logo, descobrimos que George Wilson é marido de Myrtle, amante de Tom.

Nesse encontro Nick fica bêbado e as coisas ficam mal quando Tom discute com a Sra. Wilson porque não gosta que ela fale o nome de Daisy, assim, ela o



ameaça falando repetidas vezes “Daisy”. Tom se mostra agressivo e quebra o nariz de Myrtle.

Passado algum tempo, Nick recebe um convite para uma festa na casa de seu vizinho, sobre o qual ele nada sabia, a não ser seu nome, Jay Gatsby, e o que as pessoas especulavam sobre ele. Intrigado, Nick resolve ir à festa.

Sentindo-se um pouco deslocado na festa de seu vizinho, ele encontra Srta. Baker e mais duas garotas que iniciam uma conversa sobre um vestido e depois sobre o anfitrião da festa, Gatsby.

Muitas coisas eram especuladas acerca do vizinho de Nick, como o fato de ele não querer arrumar confusão com ninguém, porém, uma delas sugeriu que ele já havia matado um homem, outra que ele era espião da Alemanha durante a guerra, outra disse que ele era soldado do exercito americano.

Depois de procurar o anfitrião da festa, Nick acaba fazendo amizade com um homem que lhe contou sobre sua experiência com o batalhão de guerra e que havia acabado de comprar um hidroavião e chamou Nick para testá-lo. Nick, em seguida, descobre que o homem que lhe havia convidado a conhecer o avião é Gatsby, seu vizinho, e assim começa a amizade entre eles.

Dias após a festa, Nick descobre através de Jordan, que sua prima Daisy e seu vizinho, tiveram um romance no passado, mas não puderam ficar juntos porque Daisy sempre fora uma garota com alto poder aquisitivo, diferentemente de Gatsby, que, não tendo dinheiro, se alista no exército e desde então o casal não havia mais se encontrado.

No dia do seu casamento Daisy fica embriagada após receber uma carta de Gatsby e cogita desistir de tudo, porém acaba se casando, tendo uma filha, mudando-se de cidade até ouvir o nome de Gatsby novamente.

Sem a sua amada, Gatsby misteriosamente cresce e se desenvolve economicamente para que assim, tente uma reaproximação; diante desses fatos, sabemos então que ele nunca a esqueceu. Nick também fica sabendo que Gatsby pretende reconquistá-la. Dessa forma, Jordan pede a ele que convide Daisy a vir a sua casa para que Gatsby possa encontrá-la novamente.

No dia do encontro, Daisy se atrasa por causa da chuva e Gatsby fica nervoso com a possibilidade de sua amada não comparecer ao encontro, mas ela aparece sem o seu marido, como combinado; em princípio desconfiada de que Nick

possa estar interessado nela, até que Gatsby aparece e Nick os deixa a sós na casa. Quando ele retorna vê Daisy com lágrimas nos olhos e Gatsby então os convida para conhecer a sua casa, considerando que o tempo havia melhorado e parado de chover. Após um tour pela casa, Gatsby mostra alguns de seus quadros e Daisy chora quando vê suas camisas finas, claramente impressionada pelo seu poder econômico.

Com o passar do tempo, um repórter bate a porta de Gatsby para que ele contasse sua história e descobrimos então que seu nome era James Gatz, um rapaz que aos 17 anos saiu numa embarcação com Dan Cody, um milionário. Jay trocou de nome, começou uma nova vida e novos negócios, vivendo assim até o dia em que Dan Cody morre e deixa para o seu companheiro de viagem seu dinheiro. Gatsby, porém, nunca o recebe, porque uma jornalista, Ella Kayre se aproveita da situação trágica para ficar com o dinheiro.

Daisy convida Gatsby, Nick e Jordan para um almoço em sua casa e nesse dia, quando Tom saía da sala, Daisy ia à direção de Gatsby e o beijava, enquanto Jordan se sentia insultada com essa situação de adultério. Após o almoço, todos resolvem passear de carro, indo até o Plaza Hotel, em Nova Iorque.

Chegando ao hotel, Tom e Gatsby começam a se confrontar quando Gatsby afirma que Daisy o ama e tenta fazer com que ela diga que nunca amou seu marido, ao que ela não responde. Tom, então, o desmascara afirmando que Gatsby é contrabandista e suas *drugstores* são para encobrir esse contrabando.

Enquanto isso, do outro lado da cidade, no vale das cinzas, Wilson descobre que Myrtle o traía e durante a discussão, Myrtle sai de casa gritando, chamando Wilson de covarde no meio da rua até que um carro passa em alta velocidade e a atropela sem parar para prestar socorro.

Na sequência, descobrimos que Daisy dirigia o carro de Gatsby e foi ela quem atropelou a amante de Tom, matando-a. Preocupado com o amigo no meio da madrugada Nick acorda e vai até a casa de Gatsby pedir para que ele fuja, pois reconheceriam o seu carro, porém disse que ficaria por causa de Daisy, Gatsby ainda tinha esperança de que ficariam juntos.

Mais tarde, Wilson pergunta de porta em porta e descobre a identidade do dono do carro amarelo, Gatsby, vai até sua casa e vendo que o suposto assassino está tomando um banho de piscina, Wilson atira nele à queima roupa e depois se suicida.

Dois anos se passam após a tragédia, e Nick ainda se recordava daquele dia com nitidez, pois teve que enterrar seu amigo sozinho, uma vez que todos os amigos e pessoas que compareciam às suas festas não compareceram ao seu enterro a não ser o seu pai, com quem Gatsby sequer mantinha contato.

O narrador decide deixar tudo para trás depois do ocorrido, porém antes, resolve passar na casa de Gatsby, nesse momento, em ruínas. Na escadaria ele apaga uma palavra obscena, senta na areia ao fundo da casa e vê uma escuridão apenas iluminada com uma luz verde, simbolizando a esperança que Gatsby tinha em poder realizar tudo o que desejava e que não aconteceu, pois aquele sonho ruiu junto com todo o glamour das festas, junto com a popularidade que o amigo construiu, junto com a própria mansão e com a época que esses elementos simbolizavam no romance.

### 1.3 Símbolos recorrentes na narrativa

O romance possui vários símbolos recorrentes dentro da narrativa e dentre eles podemos destacar a presença constante de olhos, como a indicar que Gatsby estaria sendo observado por tudo e todos. Este símbolo aparece nos marcantes olhos do Dr. T. J. Eckleburg, encontrados em um cartaz na entrada do vale das cinzas, nele há grandes olhos numa propaganda de um oftalmologista:

But above the gray land and the spasms of bleak dust which drift endlessly over it, you perceive, after a moment, the eyes of Doctor T. J. Eckleburg. The eyes of Doctor T. J. Eckleburg are blue and gigantic- their retinas are one yard high. They look out of no face, but, instead from a pair of enormous yellow spectacles which pass over a non-existent nose. (FITZGERALD, 2004, p.23)<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> “Contudo, para além da terra cinzenta e dos espasmos de poeira árida pairando eternamente sobre ela, é possível notar, após um momento, os olhos do dr. T. J. Eckleburg. Os olhos do dr. T. J. Eckleburg são enormes e azuis – suas retinas têm um metro de altura. Não olham a partir de um rosto, mas ao contrário, de um par de gigantescos óculos amarelos sustentados por um nariz invisível.” ( FITZGERALD, 2011, p.86-87)

Uma possível interpretação seria aquela sugerida pelo comentário de Wilson ao observar o outdoor após a morte de sua esposa: “He was looking at the eyes of Doctor T. J. Eckleburg, which had just emerged, pale and enormous, from the dissolving night. “God sees everything”, repeated Wilson” (FITZGERALD, 2004, p. 160).<sup>3</sup> Se seguirmos a sugestão do personagem, podemos interpretar aqueles olhos como os olhos de Deus, uma simbologia para o olho que tudo vê.

No romance há outra referência aos olhos, nesse caso, olhos de coruja (“Owl eyes”) como é apelidado um personagem que encontramos na cena da primeira festa de Gatsby que Nick participa: “A stout, middle aged man, with enormous owl-eyed spectacles, was sitting somewhat drunk on the edge of a great table, staring with unsteady concentration at the shelves of books” (FITZGERALD, 2004, P.45)<sup>4</sup>; seria então um homem bêbado dentro da biblioteca da mansão de Gatsby, Nick assim o apelida por achar que ele detinha algum tipo de saber ou talvez por ele estar usando óculos de grau, porém a coruja pode ser “símbolo de tristeza, de obscuridade, de retirada solitária y melancólica” (CHEVALIER, 1986, p. 204). Essa interpretação nos anteciparia o destino desse personagem que, ao tentar dirigir seu carro ao final da festa, estando bêbado e sozinho, bate o carro e, apesar de não se machucar, não consegue deixar a casa.

Além dos olhos, outro símbolo que aparece recorrentemente seria a da janela citada por Nick: “life is much more successfully looked at from a single window, after all.” (FITZGERALD, 2004, p.4)<sup>5</sup> que poderia ser interpretada por meio da constatação inicial de Nick ao chegar à sua nova casa e ver na janela o símbolo da abertura ao novo trabalho, a nova moradia e a nova vida, como “La receptividad y la abertura de la consciencia” (CHEVALIER, 1986, p.1055).

Uma outra possível interpretação para esta janela seria como uma metáfora para a visão desse narrador, pois só podemos entender essa narrativa por meio do

---

<sup>3</sup> “Ele olhava para os olhos do dr. T. J. Eckleburg, que haviam acabado de surgir, desbotados e gigantescos, daquela noite que se dissipava. – Deus está vendo tudo. – repetiu Wilson.” (Op. Cit, p. 219)

<sup>4</sup> “Um homem robusto de meia-idade, com uns óculos enormes que lhe davam um ar de coruja, estava sentado na ponta de uma mesa comprida, um tanto bêbado, encarando as estantes com a atenção difusa.” (Op. Cit, p. 108)

<sup>5</sup> “Afim, pode-se observar melhor a vida a partir de uma única janela” (Op. Cit, p. 68)

seu ponto de vista. Esta centralidade do olhar de Nick na narrativa, da qual o narrador tem consciência, faz com que ele procure ser o mais fiel possível aos fatos da vida de Gatsby e à sua consciência.

As condições climáticas no romance também são usadas como metáforas para diversos momentos da história, ou seja, quando está chovendo nos deparamos com cenas tensas, mais dramáticas, como na cena em que Gatsby e Daisy se encontram na casa de Nick e discutem sobre seus passados e como se distanciaram um do outro. Quando fazem as pazes e se acalmam, a chuva cessa.

Conseqüentemente, quando o dia está ensolarado há um aspecto positivo no desdobramento da história, como podemos ver no desenlace de um conflito no encontro entre Daisy e Gatsby: depois da tensão inicial entre Gatsby e Daisy - enquanto chovia lá fora -, os dois se entendem e o sol reaparece, possibilitando a eles ir à casa de Gatsby, momento em que ele pôde mostrar à sua amada todos os bens que conseguiu acumular desde a última vez que se encontraram.

O símbolo central dessa narrativa seria a luz verde, localizada entre as casas de Daisy e Gatsby, que seria a representação da esperança sentida por Gatsby em obter tudo o que anseia. Essa luz funciona, para Gatsby, como guia para tentar reconstruir o seu passado, mas para Nick, a luz verde se assemelha à própria história dos Estados Unidos, que se eleva para fora do oceano, olhando para os primeiros colonos e suas promessas de uma nova nação.

## 2. O “GRANDE” SONHO AMERICANO

### 2.1 O sonho americano

O Sonho Americano é uma expressão usada para representar um ideal que já se percebe na formação do povo norte-americano desde a colonização dos Estados Unidos. Desde a época colonial desenvolveu-se no pensamento e na fé dos colonizadores puritanos o conceito de povo escolhido, atribuído a eles, e de terra prometida, atribuída ao território e ao povo americano.

Após isso, o Sonho americano como um conceito foi criado através desse marco religioso, em que, ao longo do tempo foi transformada em um marco político, com a independência do país e a formulação da Constituição dos EUA, e foi utilizado pelos governantes americanos com o fim de divulgar uma imagem do país, construindo uma ideologia para demonstrar que os EUA seriam a terra de oportunidades para aqueles que sonham e lutam batalham para alcançar a fama e o sucesso material.

Segundo Pearson (1970, p. 638):

The American dream, or myth, is an ever recurring theme in American Literature, dating back some of the earliest colonial writings. Briefly defined, it is the belief that every man, whatever his origins, may pursue and attain his chosen goals, be they political, monetary, or social.

Diante disso, o Sonho americano seria acreditar que todo o homem (“*self-made man*”) é capaz de alcançar seus objetivos, sejam eles políticos, sociais ou econômicos por meio de seu trabalho.

Quem cunhou o termo foi James Truslow, em seu livro “The epic of America” de 1931, ao escrever: “A vida deve ser melhor e mais rica e mais plena para todos os homens, com oportunidade para cada um de acordo com a sua capacidade ou realização” (LAITMAN, 2013, p.37 apud TRUSLOW, 1935, p. 415).

A primeira citação política do termo foi feita através de um discurso do presidente Thomas Jefferson na declaração de independência dos Estados Unidos, em 1776. Ele disse uma das frases mais conhecidas em língua inglesa, segundo Stephen (1989, p.85): “Consideramos estas verdades como auto-evidentes, que todos os homens são criados iguais, que são dotados pelo Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes são vida, liberdade e busca da felicidade”. Assim, muitas outras personalidades utilizaram esse termo e essa ideologia: “This motif has found its voice in such diverse men of letters as William Bradford and Walt Whitman, St. Jean de Crevecoeur and Ralph Waldo Emerson, Thomas Jefferson and Benjamin Franklin”. (PEARSON, 1970, p. 638)

Esse ideal do Sonho americano tem sido corrompido ao longo dos anos e é também ilusório, pois nem todo *self-made man*, que trabalha e luta para ascender na vida consegue atingir seus objetivos e pode-se apontar vários fatores colaboraram para o enfraquecimento dessa utopia social, tais como a decadência da sociedade e de seus valores morais pelas quais a coletividade norte-americana passava após a Primeira Guerra Mundial; o recente estilo cosmopolita advindo da industrialização e princípio de globalização muito forte em Nova York e a grande expansão do mercado de ações após a Primeira Guerra, que milhares de pessoas a gastaram e consumiram numa escala jamais vista, criando uma onda de enorme materialismo.

Apesar de bastante criticado por criar uma ilusão de prosperidade, esse conceito é citado até hoje, pois o Sonho americano ainda é algo que ecoa na sociedade estadunidense, é um *ethos* da nação, por isso, existem muitas pessoas que acreditam nesse sonho e em sua realização nos dias atuais.

## 2.2 Nick Carraway, o narrador denuncia o Sonho americano

Conhecemos o romance e o desenvolvimento de sua história do ponto de vista de uma única pessoa, Nick Carraway, e tendo isso em mente, sabemos que a história é narrada em primeira pessoa, possuindo um narrador que também é um personagem.

Dessa forma, Nick descreve a partir do seu ponto de vista todas as suas impressões da vida do protagonista Gatsby, como de outros personagens, em muitos momentos mostrando seus pensamentos sobre eles, ou seja, não sabemos o ponto de vista dos outros personagens em relação aos acontecimentos, assim, cabe ao leitor julgar a confiabilidade desse narrador.

Wayne C. Booth criou um termo que separa a percepção do autor em relação à percepção do narrador, esse sendo o conceito de distância:

*Distance* between the author's perception, or more accurately, the norms of the novel, and the perception of the narrator; or, to put in another way, the *distance* between the narrator's perception and the reader's perception. If this *distance* exists, we have, to some degree, an unreliable narrator, and critics, as well as students, are reluctant to recognize this device since unreliable narrators, as Booth says, "Make stronger demands on the reader's powers of inference than reliable narrators do". (BOYLE, 1969, p.21)

Para que seu narrador ganhe confiabilidade dos leitores do romance, Fitzgerald se utiliza desta técnica de distanciamento para fazê-lo, como podemos ver nesses trechos do romance: "Every one suspects himself of at least one of the cardinal virtues, and this is mine: I am one of the few honest people that I have ever known." (FITZGERALD, 2004, p. 122)<sup>6</sup>, ou em "I was privy to the secret griefs of wild, unknown men" (FITZGERALD, 2004, p.1).<sup>7</sup>

Segundo Cass (1983, p.319): "Both times the effect is comical, but the reliability of the narrator is also being subtly reinforced". Desse modo, o narrador

---

<sup>6</sup> "Todo mundo gosta de se atribuir ao menos uma das virtudes cardinais, e esta é a minha: sou uma das poucas pessoas honestas deste mundo" (FITZGERALD, 2011, p. 122).

<sup>7</sup> "eu guardava as angustias secretas de homens extravagantes e desconhecidos" (FITZGERALD, 2011, p.65).



carrega algo de cômico ao ficar se afirmando como confiável, porém isso não passa de uma técnica para que o leitor confie nele.

Logo no primeiro capítulo, Nick começa introduzindo a história contando um pouco mais sobre ele, fazendo com que o leitor tenha uma maior empatia pelo personagem, ele começa dizendo sobre um conselho que seu pai lhe deu na juventude para que ele julgasse menos as pessoas, porque nem todos tiveram as mesmas oportunidades que ele teve. Contudo, no romance ele julga todas as personagens, sendo que apenas ele tem esse papel na história, de fato, os outros personagens não tem o mesmo privilégio que ele e, logo no início da narrativa, se compara a Gatsby dizendo que seu vizinho seria contrário aos seus princípios. Há também uma passagem no romance em que Nick fica bêbado e, como consequência do álcool, começa a enxergar os personagens com desdém, sentindo uma prepotência e flagrando suas mentiras: “I was converted into impressive hauteur”<sup>8</sup>, “I was a little shocked at the elaborateness of the lie”<sup>9</sup> (FITZGERALD, 2004, p.30-33). Uma passagem particularmente irônica, logo que nosso narrador realmente enxerga os personagens dessa forma.

Na primeira festa em que comparece na casa de Gatsby, Nick relata tanto o luxo e riqueza dentro daquele ambiente como também vê que nem toda festa é repleta de Glamour, como se vê quando ele fica sozinho no meio da multidão, começa a observar ao seu redor e encontra mulheres infelizes brigando com seus maridos, ou quando vai procurar Gatsby, mas acaba encontrando um homem bêbado na biblioteca, esse personagem apelidado de olhos de coruja se vê incrédulo por estar sozinho e por saber que todos aqueles livros que o cercam são reais e transmitem algum conteúdo, ao contrário das pessoas que circulavam pela festa.

Nick tem um romance com uma das personagens durante a história, Jordan Baker, uma famosa jogadora de golfe e em certo momento se compara a ela, julgando-a desonesta, diferentemente dele, que se vê como o homem mais honesto do mundo. É interessante como essa personagem é a única que despreza e se mostra contrária às traições entre o casal Daisy e Tom.

---

<sup>8</sup> “Havia se convertido num impressionante esnobismo.” (Op. Cit, p. 93).

<sup>9</sup> “Fiquei um tanto chocado com o grau de complexidade daquela mentira.” (Op. Cit, p.97).

Após o atropelamento de Myrtle Wilson, Nick, sabendo que Daisy dirigia o carro no momento do acidente, vai até a casa de Gatsby pedir a ele que fuja, pois teme pela segurança de seu amigo, mesmo sabendo de todas as suas mentiras e de todo o seu histórico de corrupção. Ele tenta alertar Gatsby, mas este não o escuta e acaba sendo assassinado por engano.

Gatsby acredita fielmente no sonho americano até o seu último suspiro, diferentemente de todos os outros personagens, incluindo o narrador, que não tem esperanças nesse sonho. Nick desenvolve sua postura crítica em relação ao sonho americano quando percebe o que acontece com aqueles que acreditam, ou seja, ele mostra a ilusão de se crer em algo que é irrealizável.

No capítulo final, após o enterro de Gatsby, Nick decide deixar tudo que construiu em *Long Island* para trás e voltar para seu local de origem. Porém, antes disso, ele tira conclusões de tudo o que se passou, consequentemente, também formula sua opinião sobre as pessoas que cruzaram o seu caminho, como o casal, Daisy e Tom, que fugiram após os assassinatos de Myrtle e Gatsby:

They were careless people, Tom and Daisy – they smashed up things and creatures and then retreated back into their money or their vast carelessness, or whatever it was kept them together, and let other people clean up the mess they had made.... (FITZGERALD, 2004, p. 179)<sup>10</sup>

Após isso, Nick volta à casa de Gatsby pela última vez, ao subir os degraus de entrada encontra uma palavra obscena e a apaga com os pés fazendo, em seguida, a seguinte reflexão:

What this immediate sequence of events implies is that Nick final epiphany about Gatsby is contingent for its emergence on the act that precedes this epiphany: the repression or erasure of an "obscene word." In order for Gatsby to "turn out all right at the end," to come to "stand for America itself," his link to this word must be erased. Yet by foregrounding the process of this erasure, this "forgetting," Fitzgerald also seems to be problematizing the inevitability of the text's ending: Gatsby "turn[s] out all right" only if we forget, or repress, his obscenity. (WILL, 2005, p. 126-127)

---

<sup>10</sup> “Eram descuidados, Tom e Daisy – esmagavam coisas e criaturas e depois se protegiam por trás da riqueza ou de sua vasta falta de consideração, ou o que quer que os mantivesse juntos, e deixavam os outros limparem a bagunça que eles haviam feito...” (Op. Cit, p.239)

Dessa forma, essa epifania ocorrida, nos mostra como a estória de Gatsby exemplifica e está implicada a história do povo norte americano; essa obscenidade apagada seria a demonstração da falha do sonho americano, tudo só tomaria sentido quando deixamos de acreditar nesse sonho que não faz parte da realidade da sociedade. Assim:

Nick Carraway's pronouncement, near the start of the novel, that "Gatsby turned out all right at the end" (Fitzgerald 1999, 6). Jay Gatsby, a figure marked by failure and shadowed by death throughout most of the novel, nevertheless achieves a form of "greatness" in the final paragraphs of his story; it is at this point, in the words of Lionel Trilling, that Gatsby "comes inevitably to stand for America itself" (1963, 17). For it is in the final, lyrical paragraphs of the novel that Gatsby's fate takes on mythic dimensions, becoming an allegory for the course of the American nation and for the struggles and dreams of its citizens. This transformation occurs when the novel's narrator, Nick Carraway, finally perceives what lies beneath the "inessential" surface world of his surroundings: a vital impulse, an originary American hope. Nick sees Gatsby as the incarnation of this national impulse. (WILL, 2005, p. 125-126)

O narrador nos mostra então a importância desse personagem, por Gatsby ser o único a acreditar no Sonho americano, Nick por si mesmo não acredita, mas apoia seu amigo, buscando entendê-lo até o final da narrativa, logo que sua vida e morte trás um significado simbólico:

Nick unites Gatsby's effort with a general, if unspecified, national collective: "Gatsby believed in the green light, the orgastic future that year by year recedes before us. It eluded us then, but that's no matter? . . . So we beat on, boats against the current, borne back ceaselessly into the past" (Fitzgerald 1999, 141; my emphasis). What matters to Gatsby is what matters to "us"; Gatsby's story is "our" story; his fate and the fate of the nation are intertwined. That Gatsby "turned out all right in the end" is thus essential to the novel's vision of a transcendent and collective Americanism. (WILL, 2005, p. 126)

Dessa forma, o personagem e narrador é fundamental nesse romance, pois, sem ele não teríamos os relatos do acontecido, nem mesmo uma visão crítica sobre esses relatos. Apesar de a história ser sobre Gatsby, podemos dizer que Nick é o personagem principal.

A relação entre Nick e Gatsby começa envolta pelo mistério que envolve o personagem central e se desenvolve de forma que Nick sempre se mantém interessado em conhecer Gatsby, mesmo sabendo que às vezes, ele tenha mentido

sobre seu passado, como quando relata que há algo de sinistro na história em que ele conta sobre suas origens:

“He hurried the phrase “educated at Oxford,” or swallowed it, or chocked on it, as though it had bothered him before. And with this doubt, his whole statement fell to pieces, and I wondered if there wasn’t something sinister about him, after all”. (FITZGERALD, 2004, p.65)<sup>11</sup>

Gatsby em certo momento apresenta um de seus colegas de trabalho a Nick, Meyer Wolfshiem que, durante um almoço, senta com eles a mesa e conta sobre um assassinato no restaurante ao lado, que ele e Gatsby presenciaram. Meyer diz que conhece Gatsby há anos, enquanto Nick olha para suas abotoaduras de molares humanos. Ao final da cena, Gatsby conta a Nick que ele é um apostador responsável por uma grande fraude, um sujeito astuto.

Essas passagens mostram a Nick e aos leitores que Gatsby não é alguém em quem confiar, pois mente e anda com pessoas que se envolvem com grandes falcatruas, chegando até a pedir a Nick para que trabalhe com ele, porém esse convite é negado. De qualquer forma, Nick não se distancia de seu vizinho, eles criam um laço de amizade forte, pois ao final todos abandonam Gatsby, menos o seu vizinho.

Eles formam uma dupla de opostos, pois, é notável a diferença entre eles, em questão de pensamentos, de planos. Gatsby quer ser popular, rico, almeja uma mulher casada, contrapondo-se a Nick, que é um homem contido, prefere ter poucos amigos e mudou-se para *Long Island* por motivos de trabalho.

É por meio de Nick que conseguimos perceber esse viés crítico que o autor pretendia relatar sobre o Sonho americano, um sonho que não pode ser realizado, mas que move uma nação, pois ainda é acreditado por uma boa parcela da população. Por meio de sua narrativa crítica podemos enxergar a ruína daqueles que acreditam sem pestanejar.

---

<sup>11</sup> “Gatsby acelerou as palavras “educado em Oxford”, ou mesmo as engoliu, sufocando-as, como se isso já lhe tivesse causado problemas no passado. Diante dessa hesitação, seu depoimento inteiro caiu por terra, e fiquei imaginando se não havia algo de estranho naquele sujeito, afinal de contas” (Op. Cit, p. 127).

A “grandeza” de Gatsby é mostrada de forma irônica, sendo que a grandeza em alcançar esse sonho nunca é atingida, ele tenta de todas as formas e persiste até o final, mas ele é o retrato do fiasco que é prosseguir confiando nessa utopia.

### 2.3 Gatsby e o Sonho americano

Por todos os seus acontecimentos e temáticas abordadas, o romance pode ter inúmeras interpretações. Essa narrativa pode-se dizer que é construída em camadas, pois Fitzgerald primeiramente escreveu um conto que seria um primeiro rascunho do que se tornaria a história de Gatsby, chamado “*Winter Dreams*”.

Winter Dreams is the story of the idealized love of a Young man for a dazzling and coquettish Young woman, a love inextricably tied to a class difference which the Young man perceives as a boy and which, it is suggested, is a driving force in his rise to wealth. (ROHRKEMPER, 1985, p. 155)

Diante disso, podemos refletir o que o romance aparenta ser simplesmente a estória de um homem tentando, por meio de seu sucesso material e social, se reaproximar da mulher amada que conheceu no passado, mas, sob um olhar crítico, percebemos que vai além desta estória, além de reconstituição do que passou; o autor faz com que a história de Gatsby se mescle com a história e cultura de seu povo, que podemos perceber através do narrador e, dessa forma, ele faz uma crítica histórico-social, colocando em pauta o materialismo e o Sonho americano como pano de fundo dessa história.

Em relação ao personagem principal, há uma aura de mistério que envolve o personagem Gatsby, suas origens, sua história e de como se deu o seu desenvolvimento financeiro, como se pode ver neste pequeno diálogo, no qual as pessoas especulam sobre sua identidade e origem em uma das suas festas: “Somebody told me they thought He killed a man once (...), It’s more that He was a

German spy during the war (...) I heard for a man Who knew all about him, grew up with him in Germany” (FITZGERALD, 2004, p. 44)<sup>12</sup>.

Sobre a forma duvidosa em que ocorre o enriquecimento de Gatsby, pode-se deduzir que adviria de práticas ilegais, sobretudo pelo tráfico de bebidas, (crime do qual Tom Buchanan muitas vezes o acusa), uma vez que o país enfrentava, naquele período, uma lei seca extremamente rigorosa, com a proibição total da venda de bebidas alcoólicas. Supostamente Gatsby tinha “*drugstores*” que disfarçavam a venda desses produtos ilegais. Embora a procura pelo líquido proibido partisse tanto de pobres como de ricos, Tom Buchanan, com seu ar de prepotência, se sentia no direito de menosprezar os que enriqueciam através de algum tipo de trabalho, como Gatsby fez, ou seja, vender o que ele mesmo procurava.

Assim, Gatsby seria então a personificação da corrupção do sonho americano, sua imagem é fundada através de uma ilusão, de mentiras, de especulações, de aspecto negativo criado por outras pessoas e inclusive por ele mesmo, pois muda de nome para criar uma nova versão de si, não sendo mais o homem pobre, filho de fazendeiros, mas sim se tornando um magnata da elite, como nos informa o narrador:

His parents were shiftless and unsuccessful farm people- his imagination had never really accepted them as his parents at all. The truth was that Jay Gatsby of West Egg, Long Island, sprang from his Platonic conception of himself. (FITZGERALD, 2004, p.98)<sup>13</sup>

Fitzgerald utilizou o ideal do Sonho americano como tema no seu romance “*The Great Gatsby*” mais do que qualquer outro escritor dos anos 20, mas por meio de técnicas narrativas para permitir ao narrador expor essa crítica, que vemos por meio do personagem Gatsby e sua história:

---

<sup>12</sup> “Ouvi dizer que ele matou um homem (...). É mais provável que ele tenha sido espião alemão durante a guerra.” (Op.Cit, p.107).

<sup>13</sup> “Seus pais eram fazendeiros preguiçosos e fracassados- sua imaginação nunca os reconheceu como pais. A verdade é que Jay Gatsby de *West Egg, Long Island*, havia saído da própria concepção platônica de si mesmo.” (Op.Cit, p. 160).

To Fitzgerald the long prophesied American dream had its fulfillment in the “orgiastic” post-World War I period known as “the Roaring Twenties”. He was the self-appointed spokesman for the “Jazz Age”, a term he takes credit for coining, and he gave it its arch-high priest and prophet, Jay Gatsby, in his novel *The Great Gatsby*. (PEARSON, 1970, p. 638)

O personagem principal parece ser o único a acreditar no sonho americano, ele crê que consegue voltar ao passado e fazer as coisas voltarem a ser como antigamente: “Can’t repeat the past? He cried incredulously. “Why of course you can!” (FITZGERALD, 2004, p.110)<sup>14</sup>. Porém, ele falha em concretizar o sonho americano, pois mesmo alcançando a riqueza necessária para reencontrar Daisy, ele não consegue ser bem sucedido ou heroico e quanto mais anseia em ser bem sucedido, mais irônicas se tornam suas tentativas: “F. Scott Fitzgerald’s character Gatsby, as has often been said, represents the irony of American History and the corruption of the American Dream”. (RALEIGH, 1957, p.1)

Em outro momento, mudamos de cenário e somos apresentados ao vale das cinzas, lugar onde os personagens secundários, pobres e excluídos do grande sonho americano, habitam, tais como o assassino de Gatsby, Wilson, e sua mulher, Myrtle, amante de Tom Buchanan. Esse vale possui uma imagética contrastante a da cidade, do luxo e o poder das mansões, é o materialismo, de um lado, e a pobreza e o desencanto, de outro. Esse vale pode ser comparado ao famoso poema de T. S. Eliot, “*The wasteland*”.

Pearson (1970, p. 641) Chega a cogitar uma cidade fora de Jerusalém contida no velho testamento, que guardava o lixo da cidade, onde os deuses falsos e os falsos moralistas viravam cinzas nessa terra pela ira de Deus como possível fonte de inspiração para Fitzgerald criar o vale das cinzas. Esse vale indicaria, então, o interior de Gatsby, a corrupção e perversão do Sonho americano.

Outro conceito apresentado no romance é o hedonismo, ou seja, a doutrina ou culto ao prazer como bem supremo, que é representada por Gatsby desde a sua casa, as festas luxuosas que ocorriam em sua mansão, suas vestimentas e, inclusive, por desejar uma mulher casada sem aceitar que ela esteja casada. Gatsby então estaria acima de todos, se sente como uma divindade, e é o único a acreditar

---

<sup>14</sup> “Como assim, não dá pra repetir o passado? – Ele gritou incrédulo. – É claro que dá!” (Op. Cit, p. 172)

no sonho americano, porém, no final ele é abandonado por todos por causa de seus próprios ideais materialistas, como um profeta involuntário dessa causa que falha quando a própria moral que ele empregava o rejeita ao final do romance. Assim, “as a prophet of the American dream Gatsby fails – miserable – a victim of his own warped idealism and false set of values” (PEARSON, 1970, p. 642).



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos mostrando que durante os anos prósperos americanos, ou seja, no decorrer do melhor momento econômico para os Estados Unidos, através de um dos grandes romancistas do século XX foi feita uma crítica à sociedade, aos costumes e feitos da época, assim como aos ideais tanto propagados inclusive por pessoas importantes ao país, como o sonho americano, que foi revelado como falho por meio do principal romance de F. Scott Fitzgerald.

O autor revisitou a história estadunidense e seus princípios, desde a colonização até o presente momento, retratando como foi a sua época entremeada de Jazz e glamour, mas ainda sim vista com decadência por conta do materialismo exacerbado que foi salientado pelas pessoas de sua geração, tudo isso se refletiu em seus personagens.

Diante disso, foi importante ressaltar, as técnicas utilizadas pelo autor e os trechos que possuem uma vasta gama de interpretações, esperamos ter exibido aqui uma das possibilidades interpretativas para esse grande romance, fazendo uma reflexão sobre as características que permearam essa história concomitantemente com as de seu país e geração.

## ANEXO

### Cronologia

Segundo Eble (1963, p.15-17):

1896: A 24 de setembro nasce em *St. Paul, Minnesota, Francis Scott Key Fitzgerald*.

1898: O pai trabalha em Procter e Gamble; a família mora em Buffalo 1908 e Syracuse.

1908: O pai perde o emprego; muda-se novamente para St. Paul.

1911: Em setembro: Fitzgerald é mandado para *Newman School*, em *Hackensack, N.J.*

1913: Setembro: matricula-se em Princeton.

1915: Dezembro: deixa Princeton por razões de saúde e notas baixas; retorna a St. Paul.

1916: Setembro: Reinicia os estudos em Princeton.

1917: Outubro: Deixa Princeton sem o diploma; recebe o posto de segundo tenente; em 20 de novembro, parte para *Fort Leavenworth*.

1918: Junho: Transferido para *Camp Sheridan*, perto de *Montgomery, Alabama*. Recebe a notícia de que Ginevra King vai casar-se. No verão conhece Zelda Sayre, então com 18 anos.

1919: A 18 de fevereiro desliga-se do exército. Arranja emprego na agência *Barron Collier* como redator de propaganda; à noite escreve contos, que são todos recusados.

1919: Julho: Deixa o emprego e parte para St. Paul para reescrever romance. Em 15 de setembro, *This Side of Paradise* é aceito por *Scribner's*. De setembro a dezembro, escreve e vende 9 contos para *Smart Set*, *Scribner's* e o *Post*.

1920: A 26 de março, *This Side of Paradise* é publicado. Em 3 de abril, casa-se com Zelda Sayre na catedral de *St. Patrick*, Nova Iorque.

1921: 3 de maio, primeira viagem à Europa: França e Itália, retorno a Londres em fins de junho; volta a *Montgomery, Alabama*, em julho.

1921: Agosto: aluga casa em St. Paul; mora ali e nas vizinhanças durante 14 meses; sua filha, Francis Scott Fitzgerald (hoje Lanahan), nasce em outubro.

1922: 3 de março: *The Beautiful and Damned* é publicado; em setembro, é publicado *Contos da Era do Jazz*.

1922: Outubro: muda-se para casa alugada em *Great Neck*, Nova Iorque; vive ali durante 20 meses, incapaz de engrenar as coisas.

1923: 20 de novembro: *The Vegetable* estreia e fecha em *Atlantic City*.

1923: De novembro de 1923 a abril de 1924 produz 12 contos e ganha 17.000 dólares. Amizade com *Ring Lardner*.

1924: Maio: segunda viagem à Europa. Vive no exterior nos próximos dois anos e meio – St. Raphael, Roma, Capri, Paris, Antibes. Conhece Gerald Murphy.

1925: 10 de abril: Publicado *O Grande Gatsby*; conhecer Ernest Hemingway.

1926: Período vazio, “1001 festas e nenhum trabalho”; publica.

1927: apenas 7 contos e 2 artigos. Inicia *The World's Fair*, um romance de matricídio. Publica “Como desperdiçar material”, elogiando Ernest Hemingway.

1926: Dezembro: retorna aos Estados Unidos.

1927: Janeiro: Vai a Hollywood para o primeiro contrato de roteiros para filmes.

1927: Março: muda-se para *Ellerslie*, nos arredores de *Wilmington, Delaware*.

1928: Zelda Fitzgerald fica com obsessão da dança; verão em Paris, regresso a *Ellerslie* em setembro.

1929: Abril: início da segunda longa estadia na Europa – Riviera, Paris, Montreux, Algeria – por quase dois anos e meio.

1930: Abril: Zelda Fitzgerald tem a primeira grande crise; é internada numa clínica na Suíça. Conhece Thomas Wolfe.

1931: Setembro: regressa permanentemente aos Estados Unidos; vai para Hollywood, para a *Metro – Goldwyn – Mayer*, até janeiro de 1932.

1934: Janeiro: Zelda Fitzgerald volta ao sanatório; fica entrando e saindo de sanatórios durante todo o resto da vida de Fitzgerald.

1934: A 12 de abril é publicado *Suave é a noite*.

1935: Período da “ruína” Alcoolismo progressivo, doenças físicas; mora.

1937: em *Tryon, Hendersonville e Asheville*, Carolina do Norte, e em *Cambridge Arms*, Baltimore; Zelda internada no *Highland Sanitarium*, perto de *Asheville*.

1937: Junho: assina contrato com a *Metro-Goldwyn-Mayer* por seis meses a 1000 dólares por semana; opção prorrogada por mais doze meses. Conhece Sheila Graham.

1940: Abril: trabalha por breve tempo para a *United Artists*; o trabalho no último romance, *The Last Tycoon*.

1940: Novembro: Primeiro ataque cardíaco; 20 de dezembro: segundo ataque cardíaco; 21 de dezembro: morre.

1947: 11 de março: Zelda Fitzgerald morre em incêndio no *Highland Sanitarium*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOYLE, E. Thomas. *Unreliable Narration in "The great Gatsby"*. The Bulletin of the Rocky Mountain Modern Language Association, vol.23, nº1, p 21-26, 1969.

CASS, S. Colin. *Narrative Reliability in "The Great Gatsby"*. College Literature, vol.10, nº3, p. 314-326, 1983.

CHEVALIER, Jean. *Diccionario de los símbolos. Barcelona*. Editorial Herder, 1986.

EBLE, Kenneth. *F. Scott Fitzgerald*. Rio de Janeiro, Editora Lidor, 1963.

FITZGERALD, Scott F. *O grande Gatsby*. 4ª reimpressão. São Paulo. Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. *The great Gatsby: 90th anniversary of the American classic*. New York, Scribner, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: O breve século XX – 1914-1991*. 2ª edição. São Paulo, Cia das letras, 1997.

LAITMAN, Michael. *Os benefícios da nova economia: Resolvendo a crise econômica global através da responsabilidade mutua*. 1ª edição, Rio de Janeiro, ARI Institute Departamento de economia, 2013.

LLORIS, Castaño Trinidad. *Ecos de Jazz en la narrativa de F. Scott Fitzgerald*. 1ª edición, Salamanca, Ediciones Universidad de Salamanca, 2010.

PEARSON, Roger L. *False Prophet of the American Dream*. The English Journal, vol.59, nº 05, p.638-645; May, 1970.

RALEIGH, Henry John. "F. Scott Fitzgerald's *The Great Gatsby*". The University of Kansas City Review, n°24, 1957.

ROHRKEMPER, John. *The Allusive Past: Historical Perspective in "The Great Gatsby"*. College Literature, vol.12, n°2, p. 153-162, 1985.

STEPHEN, E. Lucas. "Justifying America: The Declaration of Independence as a Rhetorical Document," in Thomas W. Benson, ed. *American Rhetoric: Context and Criticism*. Carbondale, Illinois: Southern Illinois University Press, 1989.

TATE, Jo Mary. *Critical companion to F. Scott Fitzgerald: A literary reference to his life and work*. New York, Facts on File, 2007.

WILL, Barbara. *The Great Gatsby and the Obscene Word*. College Literature, Vol. 32, N° 4, p. 125-144, 2005.